

INFLUÊNCIA EM DECLÍNIO E BENEFÍCIOS OCULTOS MANTÉM OS EUA EM GUERRAS SEM FIM

Por Wang Wenwen*



Vista aérea do Pentágono, 11 de maio de 2021 (Brittany Chase/Departamento de Defesa dos EUA).

Osamah F. Khalil, professor de história na Universidade de Siracusa, explica em uma entrevista porque os EUA estão presos a guerras intermináveis.

A guerra pode ser aquilo com que os Estados Unidos estão mais familiarizados. Em seu livro recentemente publicado, *A World of Enemies: America's Wars at Home and Abroad from Kennedy to Biden* ("Um mundo de inimigos: as guerras da América em casa e no exterior, de Kennedy a Biden", ainda sem versão em português), Osamah F. Khalil, professor de história na Escola Maxwell de Cidadania e Assuntos Públicos da Universidade de Siracusa, em Nova York, detalhou como os EUA se prenderam a guerras intermináveis – no exterior e internamente –, e o que podem fazer para se libertar.

Wang Wenwen, repórter do *Global Times*, entrevistou Khalil sobre porque a guerra está incorporada aos genes dos Estados Unidos e o que os impede de exercer a política e a diplomacia tradicionais.

Global Times (GT): Seu livro, *A World of Enemies*, conta a história de como uma América atormentada pelo medo do declínio de poder e influência abraçou guerras internas e externas. Argumenta que a política militarizada dos EUA e seu fracasso serviram apenas para reforçar os receios de fraqueza. Como você vê esse paradoxo?

Osamah Khalil (OK): Tem havido uma ênfase excessiva na força militar e no que a força militar pode alcançar. É devido aos EUA têm as forças armadas mais fortes

do planeta que existe a crença de que podem alcançar coisas surpreendentes que a diplomacia não pode ou que podem forçar uma solução diplomática. Na verdade, eles estão falando é sobre forçar rendição. Assim, quando suas forças armadas não alcançam muitos dos objetivos políticos que os EUA estabeleceram – por exemplo, levar democracia ao Iraque ou mais amplamente ao Oriente Médio, ou reivindicar uma vitória esmagadora na guerra contra o terrorismo –, reforçam a ideia de que os EUA estão fracos, que não podem mais vencer, que não podem ditar termos ao resto do mundo.

Mas isso na verdade leva os Estados Unidos a atacarem ainda mais. Em vez de se sentarem e olharem para as lições perdidas – onde erramos? Mesmo quando essa pergunta é feita, como demonstro no livro, as lições raramente são aplicadas. Por exemplo, imediatamente depois do 7 de outubro, alguns analistas argumentaram: *“Isto é como o 11 de setembro, por isso temos que fazer o que fizemos em resposta ao 11 de setembro.”* Em vez de dizer: *“Vamos nos sentar e não responder como fizemos depois do 11 de setembro; vamos entender o que está acontecendo aqui e não vamos aplicar as lições erradas.”*

Como você ressalta, é um paradoxo. Infelizmente, é um paradoxo no qual os decisores políticos e os especialistas em segurança nacional dos EUA se encontram repetidamente presos, porque tudo o que conseguem pensar é em usar os militares para fins políticos, ao invés de confiar na diplomacia ou reconhecer que os militares só podem alcançar coisas muito específicas, mas não tudo.

Também vimos uma lógica muito semelhante aplicada ao policiamento cada vez mais militarizado nos Estados Unidos. A rede de segurança social nos EUA tem sido muito debilitada, tal como os militares no estrangeiro, e por isso confia-se na polícia para um número cada vez maior de tentativas de resolver problemas sociais como crime, drogas e questões de saúde mental. Repetidamente, a polícia se torna o padrão. Mas eles não são treinados para isso. E receberam uma enorme quantidade de equipamento militar excedente nas últimas três décadas. A dependência excessiva da força militar e da lógica da força militar têm consequências tanto internas como externas.

GT: *Você acredita que os Estados Unidos precisam reinvestir nas ferramentas da política e da diplomacia tradicionais. O que os impede de exercerem a política e a diplomacia tradicionais?*

OK: Veja a Guerra do Vietnã, por exemplo. No meu livro, eu falo sobre o que os Estados Unidos tentaram fazer, que foi ditar os termos de rendição ao Vietnã do Norte. Não estavam interessados em diplomacia. Não acreditavam que o Vietnã do Norte fosse um ator independente. Recusaram-se a reconhecer que havia uma guerra civil no Vietnã do Sul e uma insurreição cada vez mais popular. Muito simplesmente, os EUA planejaram usar o poder militar e a supremacia aérea para ditar os termos e “fazer o Norte implorar pela paz”, e uma paz que seria nos termos americanos.

Na era pós-Guerra Fria, existia a crença naquilo que alguns chamam de hegemonia liberal. Democratas e Republicanos acreditavam que os Estados Unidos poderiam ditar termos ao resto do mundo através da força militar. Ao mesmo tempo, tendem

a evitar questões diplomáticas espinhosas. Por exemplo, os Estados Unidos têm procurado utilizar o poder militar, direta ou indiretamente, para impor uma solução para o conflito Israel-Palestina e para o processo de paz, ao invés de lidar com uma negociação complicada ou difícil. Isso poderá exigir concessões, que os EUA e Israel não estão preparados para fazer. A crença é que a força militar ajudará a resolver o conflito, no entanto, o oposto é verdadeiro.

GT: *Por que a guerra está incorporada nos genes dos EUA?*

OK: Uma forma de pensar sobre isto é que os Estados Unidos não sofreram realmente em grandes conflitos. São protegidos por dois oceanos. Não houve a grande devastação que vimos na Primeira Guerra Mundial, na Segunda Guerra Mundial, ou mesmo no Vietnã. A Guerra do Vietnã, na qual morreram mais de 50.000 americanos, foi uma guerra muito traumática para os EUA, mas empalidece em comparação com os milhões que foram mortos no Vietnã do Norte, Vietnã do Sul, Laos e Camboja.

Na era pós-Vietnã, o fato é que os Estados Unidos tinham um Exército voluntário, o que significa que a pegada da guerra é muito pequena em termos do número de indivíduos e famílias diretamente envolvidos ou afetados pelos conflitos. Se você perguntasse à maioria dos americanos hoje: “Os EUA estão em guerra?”, diriam que não, embora os EUA estejam muito ativamente envolvidos em uma série de conflitos que incluem forças americanas no Iraque, na Síria, em Gaza e no Iêmen. Estas são apenas quatro zonas de conflito, para não mencionar a Ucrânia, a Somália e as forças americanas ainda estacionadas na Coreia do Sul e as Forças Especiais dos EUA ativas em todo o mundo. Os americanos estão envolvidos em guerras que nem sequer reconhecem ou nem sequer percebem que estão envolvidos, apesar de estarem quase perpetuamente em guerra há 20 ou 30 anos.

Ao mesmo tempo, as guerras dos Estados Unidos estão profundamente enraizadas na cultura americana. Do ponto de vista social e cultural, você não pode ligar um videogame que não esteja de alguma forma relacionado a um conflito militar. Os militares e a guerra ao terror estão em todos os programas de televisão americanos e incorporados em tudo, desde filmes de super-heróis até programas comuns de espionagem.

Os impactos econômicos da guerra também estão profundamente enraizados no sistema americano. Há um momento depois de 7 de outubro que considero realmente revelador. Quando um repórter perguntou à secretária do Tesouro, Janet Yellen: “*Os EUA podem se dar ao luxo de apoiar duas guerras, na Ucrânia e em Israel?*” sua resposta, sem hesitação, foi: “*Absolutamente.*” O que é surpreendente nisso é que, para a maioria dos americanos, o que ouviram de sucessivos governos é que não podemos nos dar ao luxo de lidar com as alterações climáticas, não podemos nos dar ao luxo de lidar com cuidados de saúde universais, não podemos nos dar ao luxo de lidar com a aposentadoria, creches e ensino superior. Não há dinheiro para isso, mas sempre há dinheiro para a guerra.

Um ponto que os meios de comunicação norte-americanos, como o conservador *Wall Street Journal* e muitas autoridades americanas salientam, é que quando os Estados Unidos enviam ajuda militar para o estrangeiro, grande parte dela volta

para casa na forma de empregos. Isto é repetido muitas vezes. Como você justifica a assistência militar externa? Empregos em casa. Isso explica por que a guerra é tão escondida da maioria dos americanos, porque, na verdade, eles se beneficiam dela diariamente e nem sequer se apercebem disso.

GT: *Ao longo do último meio século, as guerras dos Estados Unidos foram travadas sob o pretexto da civilização e da democracia. O que você acha dessa retórica?*

OK: Esta não é a verdadeira razão para estes conflitos. Uma “guerra pela civilização” é, na verdade, outra forma de propaganda. O que os Estados Unidos fazem é neutralizar seus inimigos e demonizá-los. “Somos civilizados. Eles são incivilizados.” Esta é uma forma de justificar estas guerras intermináveis porque você afirma que estamos lutando pela civilização. Isto também faz parte da violência imperial no país e no estrangeiro.

Essa visão de que os EUA estão travando uma guerra pela democracia ou pela civilização serve para ajudar a vender a ideia internamente a um público que, francamente, não está realmente prestando atenção. Também ajuda a justificar muitos desses conflitos.

GT: *Você acha que seu livro irá iluminar as mentes dos políticos e das elites viciadas em guerra dos Estados Unidos?*

OK: Eu adoraria dizer que sim, mas já vimos o contrário. Enquanto o livro estava sendo finalizado, havia candidatos presidenciais republicanos falando sobre aplicar a guerra ao terror à guerra contra as drogas, usando Forças Especiais e ataques com drones contra os cartéis de drogas mexicanos.

O secretário de Estado dos Estados Unidos, Antony Blinken, também afirmou que Washington não vai se envolver em negociações até que os combates terminem na Ucrânia e usou uma abordagem semelhante em Gaza imediatamente depois de 7 de outubro. Mas como os combates irão parar sem diplomacia? E veja algumas retóricas em relação à China ou sobre a ilha de Taiwan por parte dos principais *think tanks* dos EUA e do governo Biden, endurecendo ainda mais a já dura retórica dos governos Trump e Obama. Isso nos diz que os EUA não estão repensando este tipo de abordagem de guerra pela civilização, ou esta profunda dependência de guerras eternas. Na verdade, está abraçando-a.

Infelizmente, não creio que Washington esteja preparado para esse tipo de lição. Falamos sobre a militarização da política externa. Os militares americanos construíram um cais em Gaza para assistência humanitária. O cais entregou muito pouca assistência humanitária. Em vez disso, deu cobertura a um grupo de Forças Especiais americano-israelenses para lançar uma operação de resgate de reféns na qual alguns reféns morreram, quatro foram resgatados e mais de 270 palestinos dentro e ao redor do campo foram mortos. Entretanto, estas ações comprometem o papel da assistência humanitária em um conflito e esses reféns poderiam ter sido libertados no âmbito de uma negociação. Mas isto foi feito por razões políticas nos EUA e em Israel, e não porque fosse a única opção disponível.

Espero que meu livro faça a diferença. Infelizmente, isso pode ser esperar demais.

GT: *Hoje os Estados Unidos estão envolvidos na crise da Ucrânia na Europa e no conflito Israel-Palestina no Oriente Médio. No entanto, ainda existem vozes dentro dos EUA que defendem um conflito na Ásia-Pacífico. Você acha que o caos na Ucrânia e no Oriente Médio poderia ocorrer na Ásia?*

OK: Se voltarmos ao governo Obama, houve a grande declaração que Obama queria desescalar ou encerrar as guerras no Oriente Médio para o pivô para a Ásia e o pivô para a Ásia tinha tudo a ver com conter a China e o poder militar chinês.

Do governo Obama ao governo Trump, com a retórica intensificada em torno da China e a guerra comercial que iniciou com Pequim, até agora no governo Biden, não há nenhuma mudança real. É revelador que existam *think tanks* importantes nos Estados Unidos, por exemplo, o Atlantic Council, com ligações com a OTAN, que dizem coisas como devemos confrontar a China, ou que podemos ter uma guerra fria dupla contra a China e a Rússia.

Os EUA estão olhando para a guerra na Ucrânia à procura de exemplos de como proteger Taiwan. É sabido que a China também está olhando para a guerra na Ucrânia e para as lições que podem ser aprendidas, tanto para se proteger, por exemplo, no caso de algum tipo de conflito em Taiwan ou no Mar do Sul da China.

Quer Trump regresse ao cargo ou Biden seja reeleito, penso que veremos mais tensões com a China, especialmente em Taiwan e em seu redor.

Publicado no [Global Times](#).

***Wang Wenwen** é repórter-chefe do *Global Times* e comentarista sobre política dos Estados Unidos e segurança asiática.
